

ポスター発表

234

Fatores que influenciam a motivação de universitários no processo de ensino-aprendizagem de kanji

Camila Midori Kanashiro, Universidade de São Paulo

FATORES QUE INFLUENCIAM A MOTIVAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE *KANJI*

Camilla Midori Kanashiro
Universidade de São Paulo

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar quais são os fatores que influem na motivação de universitários do curso de língua japonesa na aprendizagem de *kanji*. Para isso, foi necessário 1) Mapear os fatores que motivam ou desmotivam o aprendiz na aquisição do *kanji*; 2) Coletar dados através de questionários, entrevistas e notas de campo; 3) Analisar os dados coletados, utilizando a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010); 4) Verificar, por meio desses dados, a influência desses elementos no processo; 5) Averiguar se as conclusões estavam de acordo com as hipóteses estabelecidas no início da pesquisa. Além da Análise de Conteúdo, essa pesquisa teve como base a Teoria da Autodeterminação dos pesquisadores Deci e Ryan (2000). O *corpus* desse trabalho foi composto por 3 estudantes de uma universidade pública do estado de São Paulo.

Palavras-chave: motivação, *kanji*, língua japonesa como língua estrangeira, teoria da autodeterminação.

1. Introdução:

Com a imigração japonesa para o Brasil, há mais de um século, foi trazido também a língua japonesa e o seu ensino. No entanto, mesmo com o passar de tantos anos, muitos métodos se mantêm e ainda há aspectos que são considerados difíceis de se aprender. Segundo o pesquisador japonês Takebe (1991), em geral, na aquisição do japonês como língua estrangeira, o *kanji*, as partículas e a linguagem honorífica são as partes consideradas mais difíceis. Por isso, considerando que uma das principais diferenças entre o português e japonês é a escrita, pode-se sugerir a hipótese de que o *kanji*, por causa de sua dificuldade, pode inibir seu estudo e diminuir o desenvolvimento do aprendiz. Portanto, se faz necessário a utilização de métodos que tornem o aprendizado mais fácil, o que pode contribuir com a melhora de outras habilidades na língua japonesa.

Levando isso em consideração, o objetivo desse estudo foi estudar os fatores que motivam e desmotivam os universitários no estudo de *kanji*. E, observar a influência desses fatores na aprendizagem.

2. Definição de motivação

Como se trata de um tema novo e complexo, a motivação possui várias definições propostas por pesquisadores do mundo todo. Mas, nesta pesquisa, utilizamos o conceito proposto pelos pesquisadores Boruchovitch e Bzuneck (2009, p.9), de que motivação é o engajamento em uma ação com um objetivo pré-estabelecido. Todavia, não se trata apenas do impulso para iniciar a ação, como também a manutenção de seu interesse na atividade.

Em relação à motivação que impulsiona os aprendizes a se engajarem no estudo de língua japonesa, segundo Tomita e Morales (2008), pode se citar a) vontade de trabalhar ou estudar no Japão; b) ascendência ou necessidade de comunicação com a família; c) gosto pela cultura *pop*; c) a utilidade profissional ou acadêmica; d) a possibilidade de ter contato com a língua ou cultura tradicional; e) a oportunidade de ler e compreender diversos materiais; f) a manutenção da língua; g) a influência de amigos (as) ou namorado (a); h) a curiosidade, nesta ordem.

2.1 Pesquisas sobre motivação

Essa pesquisa teve como base a teoria da autodeterminação dos psicólogos canadenses Deci e Ryan. Apesar desse estudo ser focado em Linguística Aplicada e na língua japonesa, por causa do tema, terá influência da área de Psicoeducação. Essa teoria começou a ser criada nos anos 70 e 80 no Canadá e estuda a relação entre o potencial desenvolvimento de uma pessoa e a motivação e as influências de condições socioculturais. Ela é dividida em 4 teorias. A Teoria da Integração Organísmica, a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, a Teoria da Avaliação Cognitiva e a Teoria das Orientações de Causalidades. Mas, nesta pesquisa, foram utilizadas somente a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas e a Teoria da Integração Organísmica.

2.1.1 Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas

Trata do que para Deci e Ryan seriam os fatores que influenciam a motivação, aumentando-a ou diminuindo-a. Esses fatores são: autonomia, competência e pertencimento.

A autonomia diz respeito à vontade que o aprendiz possui de se engajar em uma atividade. Quando um aprendiz possui autonomia, ele faz algo por vontade própria, pois tem relação com seus interesses e crenças. Nessa situação, há um desenvolvimento maior da aprendizagem.

A noção de competência tem relação com a vontade do aprendiz de desenvolver sua capacidade. Também possui com a crença que o aprendiz possui em sua própria capacidade, se a possui ou não. Assim, quando ele acredita que não conseguirá realizar

tal atividade, ele nem tentará.

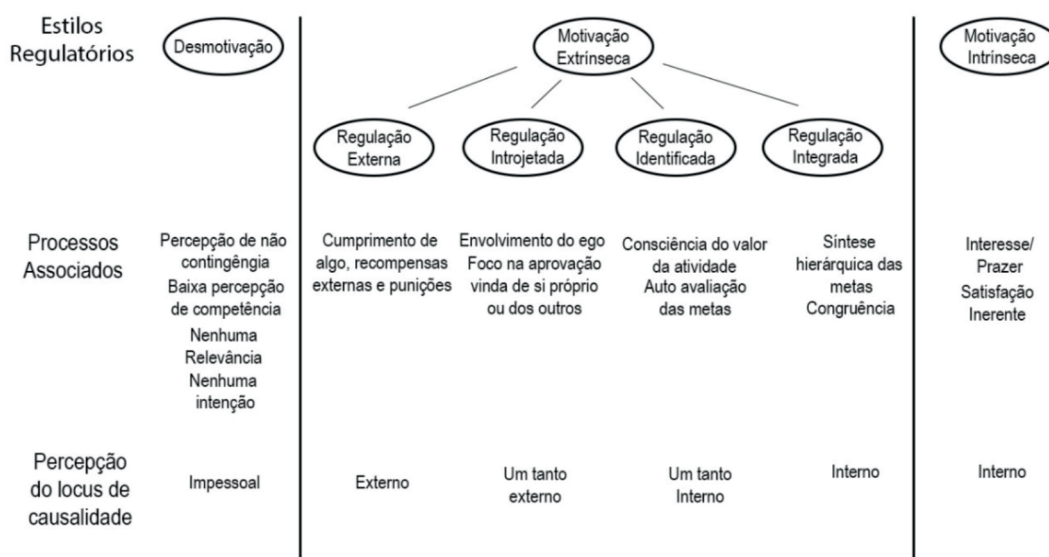
A noção de pertencimento é um fator que tem relação com as relações que o aprendiz constrói e a influência deles na motivação. E ainda, em relação com a crença que ele possui nestes laços.

2.1.2 Teoria da integração organísmica

A teoria da integração organísmica trata dos vários tipos de motivação. De acordo com White (1959, apud Deci & Ryan, 2000a), há dois tipos de motivação, a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. Mas, para Deci & Ryan (2000) não há só essas, mas há outros tipos de motivações. Há também os graus de motivação extrínseca: regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada, que variam conforme aumenta a autonomia.

O grau de relação externa é quando o aprendiz recebe uma punição, uma recompensa ou quando é obrigado a fazer algo por alguém. A motivação introjetada é o grau em que o aprendiz realiza uma atividade porque acredita que é uma obrigação ou porque evita que ele se envergonhe. A motivação identificada é o grau em que o aprendiz realiza uma ação porque acha que é importante. A regulação integrada é o grau em que a atividade a ser exercida tem relação com os valores do aprendiz.

Adaptação do “Continuum da Motivação” proposto por Deci e Ryan (2000a):



3. Metodologia

Primeiro, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os estudos relacionados à motivação na aprendizagem. Como durante a pesquisa não foi encontrado nenhuma

pesquisa no Brasil sobre a relação entre a motivação e a aprendizagem do *kanji*, essa pesquisa foi exploratória. Mas, pesquisas que relacionam a motivação e a língua japonesa já foram desenvolvidas no Brasil. Pode-se citar como exemplo, a pesquisa realizada por Tomita e Morales, em 2008.

Para realizar essa pesquisa, o corpus foi formado por 3 alunas de uma universidade pública que concordaram em participar. Esses universitários estão fazendo o curso de japonês, têm idades entre 19 e 21 anos e são do sexo feminino. Todas estudaram pelo menos 5 anos de japonês.

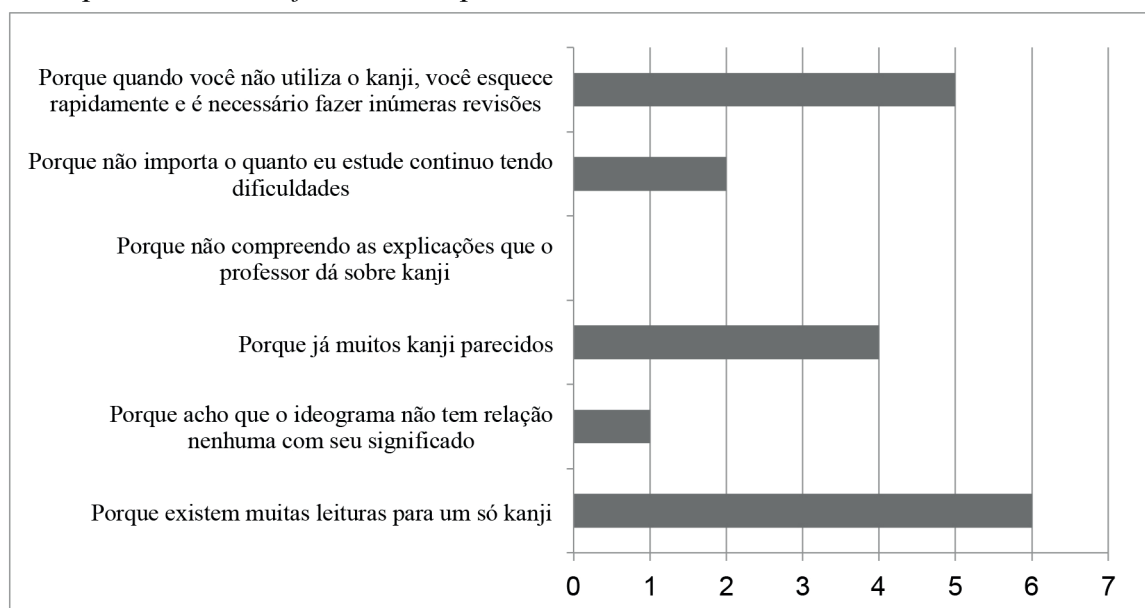
Durante 3 meses, foram realizados questionários, entrevistas e notas de campo. O questionário apresenta 11 questões de diversos tipos. Ele foi produzido usando como base no trabalho do pesquisador Mukai (2014). Na entrevista havia 6 questões gerais e 11 questões individuais. As notas de campo foram coletadas entre o mês de setembro e outubro.

Para analisar as entrevistas, as notas de campo e as questões abertas do questionário, foi utilizado a Análise de Conteúdo formalizada por Bardin (2010). Além disso, usou-se o programa KhCoder.

4. Resultados

Por meio dos questionários e das entrevistas, pode-se perceber que um dos principais desmotivadores para os universitários na aprendizagem de *kanji* é que esse processo demanda muito tempo e esforço que nem sempre resulta num aprendizado à longo prazo, como se pode verificar no gráfico abaixo.

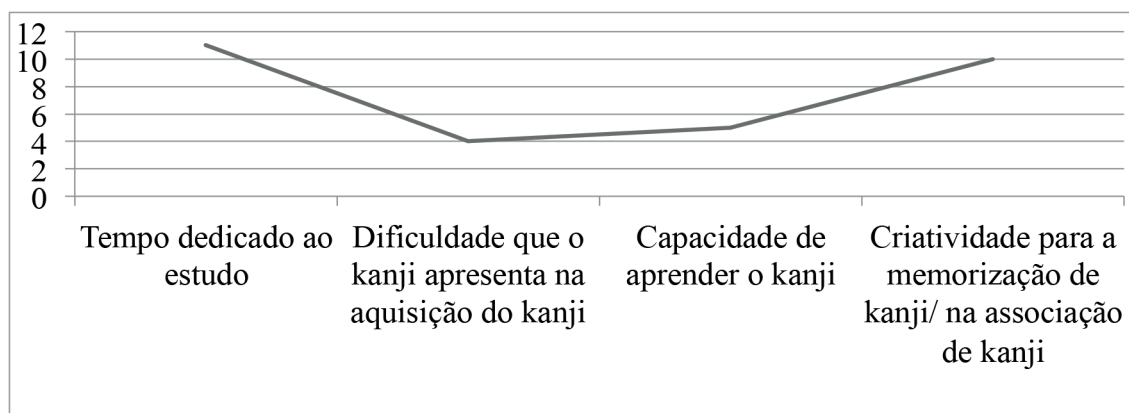
Fatores que tornam o *kanji* difícil de aprender:



Por isso, os *kanji* são mencionados com frequência junto de palavras como avaliações e também palavras relacionadas ao ambiente escolar.

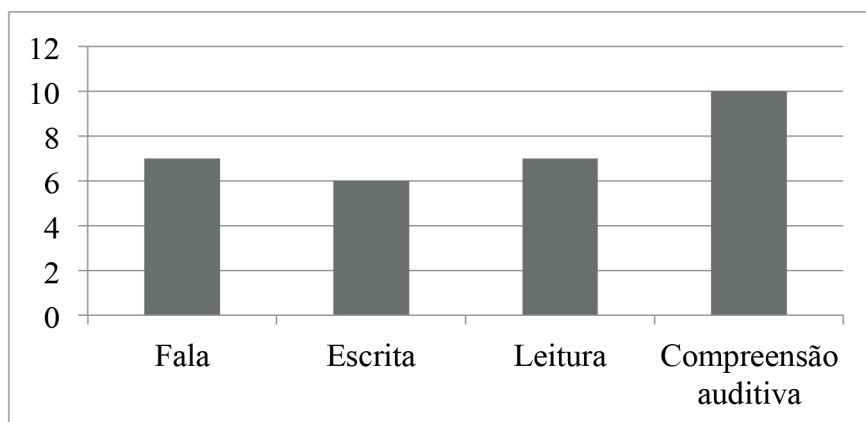
Considerando esse aspecto, para os universitários, esse tempo dedicado ao estudo influencia muito mais o aprendizado, do que o fato do *kanji* ser difícil. Este caso, portanto, vai de encontro com a ideia de que os aprendizes não se empenham no estudo do *kanji* apenas por causa da sua dificuldade.

Fatores que os participantes acreditam influenciar a aprendizagem de *kanji*



Além desses fatores, contribui também para o aumento da desmotivação, a desvalorização da leitura e da escrita, principalmente a segunda. Isso ocorre, porque os aprendizes além de as considerarem mais difíceis, também acreditam que tem menos utilidade prática.

Ordem de importância das quatro habilidades



Outro fator desmotivador, indicado pela análise dos dados, é a utilização do método tradicional de repetição escrita do *kanji*. Pois, além de ser exaustivo e desinteressante,

também não consolida um aprendizado a longo prazo. Por isso, esse método não é considerado efetivo pelos alunos.

Métodos de estudo de *kanji* utilizados pelos universitários:

- Repetição exaustiva de *kanji*: 2 casos;
- Formação de frases com *kanji*: 1 caso;
- Utilização de *flash cards*: 2 casos;
- Leitura de materiais autênticos (*manga*, revista, livro): 1 caso;
- Utilização de aplicativos: 1 caso;

Em contraposição, um dos fatores motivadores para o aprendizado é o valor instrumental do *kanji*. A razão disso, é que eles entendem a necessidade de aprender o *kanji* para conseguirem compreender melhor o japonês, como pode-se verificar nesse trecho retirado da entrevista: “porque eu acho que para mim é muito mais interessante aprender para ler jornal do que aprender por aprender” (BBTDF-19).

Outro fator que aumenta a motivação dos universitários, é a necessidade psicológica básica do pertencimento. Essa necessidade é formada através da retomada de elementos de sua identidade, ação que nem sempre é intencional, ressignificando-os. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho da entrevista:

E eles escreviam o sobrenome em *kanji* e eu não sabia eu estava aprendendo *hiragana* e eu só sabia escrever P. em *hiragana* e eu lembro de voltar para casa e perguntar para minha mãe como que escrevia me/ meu sobrenome em *kanji* isso eu tinha o que sete anos de idade (PIFD-19)

5. Conclusão

Pode-se concluir através dos dados analisados que a crença de que o *kanji* é difícil não é um dos principais fatores que desmotivam os universitários a se engajarem no estudo-aprendizado de *kanji*. Pensando nos elementos desmotivadores apontados, como tempo e esforço exigido e falta de atrativos nos métodos de estudo, pode-se considerar que os métodos empregados atualmente não motivam os alunos e geram desinteresse no engajamento no estudo. Por isso, identifica-se que os estudantes podem se valer de outras abordagens no estudo de *kanji*, sem que sejam os exercícios mecânicos de repetição. Como um dos elementos motivadores é o valor instrumental, pode-se ensiná-los em um contexto maior, não mais utilizando frases sem determinar suas

circunstâncias de produção. Também pode incentivá-los a criar histórias com e sobre os *kanji*, deixando com que os alunos sintam que possuam autonomia sobre sua aprendizagem, protagonizando-a.

Bibliografia:

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Traduzido por RETO L.A.; PINHEIROS, A. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.) *A motivação do aluno*: Contribuições de Psicologia Contemporânea. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 4ª edição. 183 p.

CAVENAGHI, A. R. A. *Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar*. Ciência & Cognição, v. 14, 2009. p. 248-261.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. *Contemporary Educational Psychology*, v. 25, 2000. p. 54-67.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Self-Determination Theory: A Macrotheory of Human Motivation, Development, and Health. *Canadian Psychology*, v. 49, n. 3, 2008. p. 182-185.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, And Well-Being. *American Psychologist*, v. 55, n. 1, 2000. p. 68-78.

MORALES, L. M. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira*. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

MUKAI, Y. *Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.17, n.2, mai/ago. 2014. p. 391-440.

SUZUKI, T. *A escrita japonesa*. Estudos japoneses, v. 5, p. 53-61, 1985.

TAKEBE, Y. *Kanji no Oshiekata*. 1 ed. Tóquio, Aruku, 1991, 238 p.

TOMITA, S. H.; MORALES, L. M. *A motivação entre aprendizes de Língua Japonesa*. São Paulo, 2008.